

O jornal escolar como instrumento potencializador para uma alfabetização humanizadora

*Fernanda Graciele Bispo RIBEIRO¹
Greice Ferreira da SILVA²*

RESUMO

O artigo teve como objetivo analisar o jornal escolar, na perspectiva da pedagogia Freinet e suas contribuições para o processo de uma alfabetização dialógica, dinâmica e carregada de sentidos. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com as obras de Freinet e de estudiosos de Freinet, como Elias (1997), Arena e Resende (2020, 2022), além de pesquisadores como Arena (2010) e Abreu (2019), os quais defendem uma alfabetização numa perspectiva humanizadora. Os resultados indicaram que o jornal escolar é um instrumento que potencializa o processo de alfabetização, numa perspectiva humanizadora, porque, o enfoque está no interesse, na necessidade criada nas crianças de se expressarem através da escrita e nos sentidos atribuídos aos textos produzidos e lidos. Aponta-se também que o jornal escolar traz os enunciados vivos para o centro do processo de ensino dos atos de ler e de escrever, articulando a escola com a vida.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização Humanizadora. Educação. Jornal Escolar. Pedagogia Freinet.

¹ Mestranda pela Universidade Estadual de Londrina.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7072-9549>. E-mail: fernandabispo02uel@gmail.com

² Doutora em Educação. Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3286-2396>. E-mail: greice@uel.br

The school newspaper as a tool to enhance humanizing literacy

Fernanda Graciele Bispo RIBEIRO
Greice Ferreira da SILVA

ABSTRACT

This article aimed to analyze the school newspaper from the perspective of Freinet pedagogy and its contributions to the process of a dialogical, dynamic, and meaningful literacy. Bibliographic research was carried out with the works of Freinet and Freinet scholars, such as Elias (1997), Arena and Resende (2020, 2022), as well as researchers such as Arena (2010) and Abreu (2019), who advocate for literacy from a humanizing perspective. The results indicated that the school newspaper is an instrument that enhances the literacy process from a humanizing perspective because the focus is on the interest and need created in children to express themselves through writing and on the meanings attributed to the texts produced and read. It is also pointed out that the school newspaper brings living statements to the center of the teaching process of reading and writing, linking school with life.

KEYWORDS: Humanizing Literacy. Education. School Newspaper. Freinet Pedagogy.

El periódico escolar como instrumento potenciador para una alfabetización humanizadora

*Fernanda Graciele Bispo RIBEIRO
Greice Ferreira da SILVA*

RESUMEN

El artículo tuvo como objetivo analizar el periódico escolar, desde la perspectiva de la pedagogía Freinet y sus aportes al proceso de alfabetización dialógica, dinámico y lleno de significados. Se realizó una investigación bibliográfica con los trabajos de Freinet y académicos de Freinet, como Elias (1997), Arena y Resende (2020, 2022), así como de investigadores como Arena (2010) y Abreu (2019), que defienden la alfabetización desde una perspectiva humanizadora. Los resultados indicaron que el periódico escolar es un instrumento que potencia el proceso de alfabetización, desde una perspectiva humanizadora, pues, el foco está en el interés, en la necesidad que se crea en los niños de expresarse a través de la escritura y en los sentidos Contribuciones a los textos producidos y leídos. Se señala también que el periódico escolar trae vivos los anunciados al centro del proceso de enseñanza de los actos de lectoescritura, vinculando la escuela con la vida.

PALABRAS CLAVE: Alfabetización Humanizadora. Educación. Pedagogía Freinet. Periódico Escolar.

Introdução

Ao observar a trajetória de Freinet, ressalta-se a sua preocupação para que a escola fosse do povo e para o povo, porque o que era visto, nos métodos tradicionais de ensino da época, era o distanciamento entre o que acontece na escola e o que acontece na vida. Freinet salienta a importância de que as aprendizagens sejam plenas de sentidos para os aprendentes e define como “complexo de interesses” essa relação entre a escola e a vida, porque há uma preocupação com as necessidades e interesses das crianças (Baldasso; Ometto, 2020). Freinet buscou desenvolver uma pedagogia para a formação de sujeitos mais humanizados, em que havia a prioridade em promover ao máximo as possibilidades de cada criança (Menezes; Quillici Neto, 2020).

Partindo dessas considerações a respeito de Freinet e pensando no processo de alfabetização, sua pedagogia se diferencia da forma tradicional e conservadora, porque há uma preocupação em estabelecer um diálogo contínuo e dinâmico entre a criança, o conhecimento e a vida. Essas ideias vão ao encontro da alfabetização numa perspectiva humanizadora, a qual pode ser entendida como o processo de internalização da linguagem escrita pela criança, que nasce do desejo de expressão, da participação ativa em suas aprendizagens e, ainda, enfatiza os significados e os sentidos como parte fundante de todo o processo (Silva, 2023).

Desse modo, o vínculo entre a vida e a prática escolar deve estar presente na alfabetização e, para tanto, é preciso entender que esta trabalha com a apropriação da linguagem escrita, a qual, por sua vez, é uma prática discursiva, ou seja, é um instrumento cultural que necessita do outro. Nessa perspectiva, Magalhães e Oliveira (2011) discutem o conceito de alteridade, embasadas em Volochinov e Bakhtin, destacando:

É na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem, em um processo que não surge de suas próprias consciências, mas de relações sócio-historicamente situadas. Dessa forma, constituímos-nos e nos transformamos sempre pela relação com outro [...] (Magalhães; Oliveira, 2011, p. 105).

Ao considerar a dimensão interlocutiva da linguagem e ao observar as técnicas desenvolvidas por Freinet, entre as quais estão a aula-passeio, o jornal escolar, as correspondências interescolares, o livro da vida, a técnica escolhida para ser aprofundada na pesquisa, é o jornal escolar que, assim como todas as técnicas, apresenta potencialidades para se trabalhar com a alfabetização, porque parte do interesse e das necessidades das crianças, fazendo com que esse processo seja permeado de significados e sentidos, ensinando a linguagem escrita, por meio dos enunciados vivos, do manejo

dos signos, de sorte a descartar a mera sinalidade. Nessa linha, realçam Bahktin e Volochinov (2014, p. 97):

Enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebido pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico. A pura sinalidade não existe, mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem. Até mesmo ali, a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo. [...].

Por isso, a importância de se priorizar a alfabetização, numa perspectiva na qual os enunciados sejam o objeto de ensino. Dessa maneira, com este artigo, busca-se discutir as contribuições do jornal escolar para essa alfabetização que valoriza o sujeito, a cultura, o contexto, proporcionando espaços para que as crianças dialoguem e desenvolvam a capacidade de pensar e se expressar.

A alfabetização é uma etapa fundamental para uma educação emancipatória, pois transforma o indivíduo, ao fazer com que ele compreenda o mundo no qual ele está inserido, solucionando problemas do dia a dia, através da leitura e escrita.

Entretanto, dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016) demonstram que cerca de 250 milhões de crianças no mundo, em idade escolar, não são capazes de ler, escrever ou contar bem o suficiente para atender aos padrões mínimos de aprendizagem, e esses dados são de crianças que passaram no mínimo quatro anos na escola e, muitas vezes, num processo de alfabetização no qual o enfoque está no fato de as crianças saberem decodificar os sinais gráficos, ao identificar as letras e os sons, mas, quando elas terminam a oralização e se pergunta o que foi compreendido, a resposta é que não sabem o que foi lido.

Diante disso, pensando na potencialidade da alfabetização para uma educação emancipatória e nas dificuldades enfrentadas pelas crianças, em articular o que é visto na escola com a vida, foi realizado o seguinte questionamento: como o jornal escolar pode ser um instrumento potencializador, para um processo de alfabetização humanizadora? E, para responder a essa questão, o presente artigo tem como objetivo geral analisar o jornal escolar, na perspectiva da pedagogia Freinet e suas contribuições para o processo de uma alfabetização dialógica, dinâmica e carregada de sentidos. Seus objetivos específicos são: compreender a pedagogia Freinet e o jornal escolar, discutir a alfabetização humanizadora e, por fim, identificar a contribuição do jornal escolar para uma alfabetização humanizadora.

Para a investigação, foi realizado um levantamento bibliográfico “[...] que implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (Lima; Miotto, 2007, p. 38); assim, a pesquisa foi fundamentada

teoricamente nas obras de Freinet e em outras, que são suas biografias, escritas por autores como Elias (1997), Arena e Resende (2020, 2022), as quais contemplam sua vida e suas contribuições para a educação, sua pedagogia e seus instrumentos. No aprofundamento do jornal escolar, foi utilizada a obra de Freinet sobre esse instrumento e dissertações de Mestrado; para a análise e discussão da alfabetização, nessa perspectiva dialógica, foram usados os boletins de alfabetização humanizadora, teses de Doutorado e artigos científicos.

A investigação está baseada em uma abordagem qualitativa, visto que esta “[...] é uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (Richardson, 1999, p. 79), pois, no presente texto, procura-se compreender como esse instrumento pode contribuir para os dilemas encontrados na alfabetização.

O artigo foi organizado em três seções: na primeira seção, foi explicitada a pedagogia Freinet, quem foi Freinet e suas contribuições para a educação, além de uma breve apresentação do jornal escolar; na segunda seção, foi abordada a alfabetização humanizadora; e, por fim, na terceira seção, ocorreu uma discussão sobre as contribuições do jornal escolar para uma alfabetização, na perspectiva humanizadora.

A Pedagogia Freinet e o jornal escolar

Ao observar as obras de Freinet, é possível verificar que, embora tenham sido escritas em um determinado contexto histórico e político do século XX, elas são atuais e se incorporam aos dias de hoje, porque é necessário desde sempre, do ponto de vista pedagógico, esse comprometimento da escola com a vida, ou seja, os professores elaborarem práticas pedagógicas que estejam ligadas à realidade, ao cotidiano das crianças e jovens, não havendo separação entre a escola e a vida, tendo a preocupação de que os aprendizados na escola sejam carregados de sentidos para as crianças.

Sobre a educação com sentidos, Freinet (1991) destaca:

Vamos ajudar a criança, manter nela o desejo e a necessidade do trabalho, deixar que seja ela a interrogar e a pedir conselhos, e arranjamos as coisas de maneira que ela faça bem o sulco, e triunfante, possa admirar o resultado do próprio esforço (Freinet, 1991, p. 66).

Nota-se que, ao enfatizar que a criança é que deve interrogar e pedir conselhos, há um protagonismo no sujeito que está no processo de aprendizagem, conforme os seus interesses – e isso não era o que acontecia na pedagogia escolástica, a qual Freinet considera como a precursora das escolas tradicionais, porque o enfoque estava nas técnicas, com o conhecimento apresentado de

maneira pronta, somente para a sua reprodução, sendo algo estático e longe da realidade, priorizando a manutenção da ordem, por meio do silêncio, da obediência. Oliveira (1998) descreve a crítica que Freinet faz a respeito da pedagogia escolástica:

Uma pedagogia que mais do que ignorar, rejeita os interesses da criança, uma pedagogia da abstração, da memorização estéril e desprovida de sentido. Inúmeros são os escritos onde Freinet denuncia este lento massacre que, aos poucos, faz de uma criança, viva, esperta e curiosa um ser entediado e, na melhor das hipóteses, um ser conformado em passar horas e horas, durante dias a fio, a maior parte de sua vida, estudando, como se diz “para mais tarde”, ou, na realidade, como denuncia Freinet, para passar na prova, para aprender a obedecer, sem discutir, ordens absurdas, para conformar-se ao seu futuro papel subordinado na sociedade (Oliveira, 1998, p. 49 *apud* Arena; Resende, 2022, p. 16).

Freinet acreditava que o conhecimento, na escola, não era somente para passar numa prova ou até mesmo simplesmente para a inserção no mercado de trabalho, mas este deve ser pensado para a formação de um ser completo, uma formação emancipatória, libertária, que contribui para a atuação desses sujeitos na sociedade (Menezes; Quillici Neto, 2020).

Para uma maior compreensão da discussão proposta, apresenta-se brevemente Célestin Freinet e o contexto histórico, econômico e político no qual estava inserido e como este influenciou a pedagogia desenvolvida por ele.

Célestin Freinet nasceu no dia 15 de outubro de 1896, nos Alpes Marítimos, em um pequeno vilarejo chamado Gars, na região de Provença, localizada no sudoeste da França; seu pai, o agricultor Joseph Delphin Freinet, e sua mãe, Marie Victoire Torcat, tiveram quatro filhos, dos quais ele é o mais novo (Elias, 1997).

Sua realidade foi permeada pelo campo, agricultura, contato com os animais e a natureza, que estão sempre envoltos nas suas obras, porém, com relação à sua experiência com a escola primária, não há muitos dados, em função da época, caracterizada pelo ideário republicano e pela rigidez dos métodos. Ora, em um pequeno relato, conforme salienta Barré (1995, p. 9 *apud* Elias, 1997, p. 20), Freinet recorda:

[...] a escola não me marcou, nem bem, nem mal. Eu me lembro como em um sonho da minha iniciação da escola. Eu creio me lembrar vagamente de ter queimado as etapas do meu silabário. Eu me lembro também de uma leitura coletiva que fazia diante do quadro mural [...]. Tenho ainda viva a impressão de lassidão e de fadiga que eu sentia ao fim de cada momento (de leitura) por ter, eu, tão pequeno, a cabeça levantada para o alto do quadro.

Ainda sobre o olhar de Freinet a respeito das escolas nas quais havia estudado, vemos como

os períodos vividos na escola não marcaram de forma positiva sua vida, tendo “[...] passado como algo anônimo por meus dias de criança, como água que escorre sobre argila ressecada” (Freinet, 1988, s.p. *apud* Menezes; Quillici Neto, 2020, p. 70).

A educação escolástica continua presente, também, quando Freinet inicia sua carreira como docente e ingressa, em 1912, com 16 anos, na Escola de Formação de Professores (Escola Normal), situada na estrada de Gênes, na parte inferior do Mont Baron. Entretanto, após dois anos no curso, em 1914, Freinet foi convocado para o serviço militar, indo atuar nos combates da Primeira Guerra Mundial, o que impediu a conclusão do curso. Aos 21 anos, foi para uma batalha que está na memória da França como uma das mais ferozes e, nesse período, em um lugar denominado Caminho das Damas (*Au Chemin des Dames*), Freinet tem sua saúde comprometida com uma lesão pulmonar, devido à ação de gases tóxicos (Elias, 1997).

Após regressar da guerra, em 1º de janeiro de 1920, inicia sua história na educação, com sua nomeação como professor adjunto de uma classe rural em Bar-sur-Loup, localizada nos Alpes Marítimos, no Sul da França. Por causa das complicações respiratórias advindas da lesão pulmonar, Freinet começa a procurar outras maneiras de dar aula, visto que, com a voz fraca e a respiração difícil, não conseguia aplicar os princípios aprendidos no curso de formação de professores, com respeito à ordem e à obediência, características da pedagogia escolástica (Elias, 1997). Afirmam Menezes e Quillici Neto (2020, p. 19): “Freinet diria mais tarde, não sem uma certa ironia, que a brutal ferida que o privou completamente de um pulmão estava na origem de todo seu projeto pedagógico”.

Freinet possuía um Livro de Notas, onde escrevia tudo o que observava e ouvia dos alunos, de sorte a contribuir para conhecer melhor cada criança. Apesar das dificuldades das escolas tradicionais, com a rigidez nos horários, a rebeldia das crianças, ele, por meio das grandes influências que havia estudado, como Comenius, Montaigne, Rousseau e os educadores escolanovistas, sempre buscava realizar essa relação entre as teorias que havia estudado com as suas práticas em sala de aula. Uma influência decisiva veio através da leitura de *L'École Active*, de Ferrière, obra na qual Freinet vai encontrar a resposta para alguns dos problemas pedagógicos vistos na época, como problemas sociais, filosóficos, políticos e materiais (Resende, 2020). Em seus artigos dos anos de 1923 a 1925, pode-se perceber a influência, nos seus pensamentos, decorrente do materialismo dialético. Com relação ao objetivo das investigações realizadas por Freinet, Elias (1997) ressalta:

RIBEIRO; SILVA

Suas investigações têm como objetivo melhorar as condições de trabalho na escola para alcançar maior eficiência e adentrar o centro das contradições de qualquer sistema, inclusive o prodigioso processo de vida. Havia em Freinet como uma necessidade biológica e moral para conviver com uma classe social (dos docentes, principalmente), refletir com eles sobre os elementos do meio de que ele mesmo fazia parte, para propor uma escola democrática, capaz de formar seres livres para decidir o seu destino coletivo e pessoal. Encontrando uma sociedade na pobreza, Freinet ajudou a construir o seu presente com os alunos pobres de Bar-sur-Loup. A livre expressão, sobre a qual construiu toda a sua obra, foi por ele investigada desde seu nascedouro na vida infantil (Elias, 1997, p. 26).

A livre expressão é um dos eixos de sua pedagogia, porque a criança é o sujeito do processo de aprendizagem que não atua de modo passivo, considerando-se as potencialidades, limitações e vontades do outro, de maneira respeitosa, ao invés de se trabalhar com o material didático de forma rígida, ditando o que vai ser trabalhado, pois a prática educativa que tem como eixo a livre expressão tem um olhar para as diversas linguagens e possibilidades de a criança se expressar (Silva, 2022).

Sobre o que significa a prática da livre expressão, nas escolas, Santos (1993, p. 25 *apud* Silva, 2022, p. 38) explicita que consiste em “[...] dar-lhe meios de expressar-se e de comunicar-se”. Significa também “[...] criar um ambiente, através da dinâmica da classe, em que a palavra do aluno seja acolhida, ouvida, discutida e valorizada”. Ainda a respeito da livre expressão, há alguns destaques feitos por Freinet, sobre as contribuições desse eixo para o processo educativo, quando afirma que “[...] ativaria, em grandes proporções, a criatividade, o faz de conta, as cores, sons e sonhos, pois, na visão da criança, tudo é luminoso, aéreo, livre e fresco como a água que corre” (Freinet, 2004, *apud* Menezes; Quillici Neto, 2020, p. 80).

Além disso, há outros eixos que constituíram a base para a elaboração das técnicas de trabalho de Freinet, que são os “[...] eixos da cooperação, da comunicação, da documentação, do tateamento experimental, da organização, da autogestão, do trabalho, da educação do trabalho, do materialismo escolar e do respeito profundo à vida, à natureza e à criança” (Resende, 2022, p.18).

Com relação aos eixos que fundamentam a pedagogia de Freinet, além da livre expressão, a autora alude a outros, que são a cooperação, a comunicação, a documentação e a afetividade:

A cooperação - como forma de construção social do conhecimento”, a comunicação - como forma de integrar esse conhecimento, a documentação - registro da história que se constrói diariamente; e a afetividade - elo de ligação entre as pessoas e o objeto de conhecimento (Elias, 1997, p. 40).

Outro eixo importante é o materialismo escolar, destacando-se que não é o discurso com boas intenções, todavia, as condições materiais que revelam a teoria por trás de determinada prática

pedagógica, conforme enfatiza Oliveira (1998, p. 55): “[...] são as opções materiais que condicionam o projeto pedagógico e ‘dizem’ qual é, realmente, a teoria que o embasa. Não são os discursos ou as declarações de intenção, por mais revolucionárias que sejam”.

Freinet buscou, com suas investigações, uma pedagogia que fosse diferente da tradicional, porque, nas escolas, não havia essa relação com a vida do aluno, não se atentando para o real vivido e o estudado; assim, a escola contrariava a sua função social, sendo o lugar onde se inibia a criatividade, com o aluno não mais questionando as questões políticas, econômicas e sociais e, consequentemente, não contribuindo para a sua transformação e a transformação da sociedade (Menezes; Quillici Neto, 2020). Freinet salienta que “[...] não formamos um homem pré-fabricado, mas homens vivos e dinâmicos” (Freinet, 1975, p. 52 *apud* Menezes; Quillici Neto, 2020, p.79).

No ano de 1924, Freinet introduziu na escola a imprensa, que traz grandes mudanças, pois era um novo instrumento pedagógico com um grande potencial, o qual despertou o interesse dos pedagogos, na época (Elias, 1997). Os textos produzidos pelas crianças agora poderiam ser impressos, porém, para que a impressão fosse realizada, era necessário que fosse feita a leitura dos textos livres e a escolha daqueles que seriam impressos. Ora, para chegar ao texto final, Freinet fazia as correções, juntamente com as crianças, analisando a coesão e a coerência textuais e trabalhando também as regras gramaticais, a fim de que o texto final fosse impresso sem conter erros; assim, além de ser um processo enriquecedor, era laborioso: a imprensa era considerada o “coração da sala”, porque era onde as crianças trabalhavam para construir os materiais para as aulas, os jornais e as correspondências (Soares; Resende, 2020).

A imprensa tem um papel fundamental na pedagogia desenvolvida por Freinet, já que, em 1928, quando ele se transfere para uma escola antiga e procura apoio do Presidente da Câmara, este não contribui, fazendo descaso das escolas humildes localizadas nas aldeias; todavia, Freinet, utilizou uma mesa e colocou a imprensa que representa uma nova organização da sala de aula e, assim, foi sendo usada nas escolas; no ano seguinte, em 1929, a imprensa já era adotada em cem escolas e já havia cento e cinquenta adeptos no movimento iniciado por Freinet (Elias, 1997).

Com a inserção da imprensa na escola, Freinet preconizou algumas técnicas de ensino, como a aula-passeio, a qual permitiu que Freinet não ficasse somente no livro didático, nas leituras repetitivas e cansativas, que não faziam parte da realidade dos alunos; contudo, ao visitarem diferentes locais, na comunidade, com os alunos observando o que está em volta, ampliava-se o repertório cultural das crianças e, consequentemente, elas teriam mais facilidade em produzir um texto, um poema mais rico, de maneira que elas se interessavam por escrever, pois isso fazia parte da sua realidade. Após o

passeio, as crianças discutiam, conversavam sobre as suas expressões e escreviam textos relacionados ao passeio (Buscariolo; Lima; Anjos, 2019).

Com Freinet, essas aulas aconteciam em Bar-Sur-Loup, onde as crianças observavam as mudanças das estações do ano ou até mesmo os trabalhos desenvolvidos na comunidade, como do ferreiro ou marceneiro (Menezes; Quillici Neto, 2020). Com relação à aula-passeio, Soares e Rezende (2020) descrevem:

Após as aulas-passeio na aldeia, Freinet chegava à sala e iniciava as discussões e conversas sobre o que foi vivenciado, escrevia na lousa um pequeno resumo sobre as descobertas, as observações e a fala das crianças. Em seguida, elas copiavam em seus cadernos e faziam os acréscimos e as correções que julgavam necessários, ao relerem os textos, aqueles alunos sentiam-se felizes e satisfeitos com as produções que começavam a ser escritas, pois tudo aquilo que estava registrado era real, estava do lado de fora da sala e era sentido e experimentado por eles (Soares; Resende, 2020, p. 103).

Outra técnica é a correspondência interescolar, nascida em função da imprensa escolar, a qual começou a ser conhecida por outros lugares e países, a partir do momento em que um professor primário da cidade de Trégunc, na França, escreveu para Freinet, porque queria também introduzir a imprensa na sua escola e, por causa desse contexto, essas duas escolas começaram a se comunicar, através da troca de correspondências, sendo os materiais produzidos, lidos e relidos entre as escolas. Assim surge essa técnica, que promove, com a troca de correspondências, um intercâmbio de culturas, os detalhes dos acontecimentos, fazendo com que os alunos tenham entusiasmo para escrever, ao pensar que o outro irá ler e responder-lhes (Soares; Resende, 2020).

Há também a técnica do livro da vida, um livro no qual estão registrados os sentimentos, os acontecimentos, os pensamentos do ano escolar da turma, contendo sugestões, críticas e materiais para que os professores fossem capazes de analisar suas práticas pedagógicas, pois os registros das aulas, feitos pelas crianças, estavam repletos de singularidade, espontaneidade e sensibilidade (Soares; Resende, 2020).

Por fim, a técnica do jornal escolar, foco desta pesquisa, direcionada à alfabetização, contribui de forma significativa para o desenvolvimento do espírito crítico, a fim de levar os alunos a compreenderem e lutarem por uma educação emancipadora, conforme destaca Sampaio (1994, p. 202, *apud* Buscariolo; Lima; Anjos, 2019, p.121): “[...] a imprensa valoriza, principalmente, o registro de pensamento da criança, desmistificando a tipografia, desenvolvendo-lhe o espírito crítico frente aos textos impressos nos livros, revistas e jornais”. O jornal escolar permite que os textos se

mantenham vivos, porque não seriam escritos somente para a correção do professor ou para serem guardados no armário, mas possibilitam que seja maior a expansão da leitura (Soares; Resende, 2020).

Com vista a esses aspectos, vale ressaltar que a apropriação da leitura e escrita possa ocorrer como um processo natural e não longe da realidade do aluno, acontecendo de forma mecânica. O que se prioriza é que seja criado na criança o desejo de se expressar por meio da escrita e, assim, que ela aprenda a negociar sentidos, porque, desse modo, segundo sublinha Freinet (1977, p.133 *apud* Silva; Santos, 2020, p. 95), “[...] a criança familiariza-se com o valor, o sentido, a figura psíquica das palavras”.

No processo de aprendizagem do ato de ler e de escrever, é preciso que a criança sinta a necessidade de querer aprender a leitura e a escrita, e essa necessidade se dá, quando esta compreende que os processos de leitura e escrita estão presentes no cotidiano, por isso, os textos utilizados na escola devem fazer parte da circulação social da criança.

Em uma de suas crônicas contidas na obra *Pedagogia do Bom Senso*, intitulada “O cavalo não está com sede, então troquem a água do tanque”, Freinet (1991) conta a história de um cavalo que não estava com sede e o rapaz enfiava o focinho do animal e este espirrava a água; então, tiveram a ideia de trocar a água do tanque por uma água mais limpa, mas, mesmo assim, o cavalo não bebeu a água, porque ele não estava com sede. O autor utiliza esse exemplo para descrever qual deve ser a preocupação da escola: “E assim, o problema essencial da nossa educação não é de modo algum como pretendem hoje nos fazer crer- ‘o conteúdo’ do ensino, mas a preocupação essencial que devemos ter de fazer a criança sentir sede” (Freinet, 1991, p. 15).

Tendo em vista a importância da criação dessa necessidade na criança, o objeto de estudo da presente pesquisa teve como enfoque uma das técnicas Freinet, que é o jornal escolar, para cuja produção o autor utilizava um tipógrafo, uma invenção empregada para montar os textos para serem impressos de forma manual, na qual se fazia a escolha dos caracteres para poderem ser impressos; hoje, os tipógrafos foram substituídos pelos computadores. O jornal escolar mostra o porquê de o autor escrever as notícias, a intencionalidade, além de que as próprias crianças poderiam produzir suas próprias notícias, cumprindo as principais funções da escrita, de acordo com Freinet, que são transmitir, expor e dialogar com os pensamentos (Abreu; Arena, 2020).

O jornal escolar tem um papel fundamental, cooperando para a apropriação do ato de ler e escrever, pois traz como possibilidade a circulação desses textos, os quais não serão construídos somente para se colar no caderno, além de propiciar a possibilidade do trabalho coletivo, por meio das leituras e discussões, segundo descreve Santos (1993, p. 67 *apud* Silva, 2022, p. 48): “[...]”

descoberta pela experiência vivida do que um texto impresso traduz o posicionamento de seu autor e um mesmo texto pode permitir diferentes leituras e interpretações, como também comportar inverdades, incertezas e distorções”.

Alfabetização humanizadora

A fim de que se atinja o objetivo de uma alfabetização, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, em que o aluno sinta a necessidade de aprender a ler e escrever, porque faz parte do seu cotidiano, é preciso trabalhar com uma alfabetização dialógica, dinâmica, carregada de sentidos para as crianças, na qual o enfoque não esteja na decodificação e memorização: trata-se de uma Alfabetização Humanizadora.

Arena (2010) faz um destaque sobre quais são as queixas dos professores com respeito ao processo de alfabetização e as dificuldades apresentadas pelos alunos, quanto à compreensão e interpretação dos textos:

As queixas frequentes de professores nos anos iniciais da escolarização são dirigidas para as dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à compreensão ou interpretação dos textos que lhes são recomendados, sejam eles de qualquer natureza: informativos, originários das diversas áreas do currículo, ou mesmo textos literários apropriados para a sua faixa etária (Arena, 2010, p. 239).

Essa falta de compreensão e interpretação dos textos se dá, porque o foco do aprendizado da língua portuguesa está na consciência fonológica, em que o aluno precisa saber quais são os sons referentes às vogais e consoantes, para formar sílabas e, depois, as palavras (Arena, 2010).

De acordo com Arena (2010), há uma contradição quando, no processo de alfabetização, o enfoque está no som das palavras, porque os agentes escolares avaliam a capacidade dos alunos de pronunciarem bem as sequências silábicas, mas, depois, como demonstram as próprias queixas dos professores, citadas acima, sobre a falta de compreensão e interpretação dos alunos, eles querem que os alunos tenham a capacidade de compreender o que foi pronunciado – e aqui está a contradição, “[...] porque no percurso inicial os alunos aprenderam a ler, mas depois não mais sabem” (Arena, 2010, p. 240). Isso mostra como há a crença de que a produção de sentido se dá pela pronúncia, quando, na verdade, não é por ela (Arena, 2010).

Essa produção de sentido não ocorre pela pronúncia, nem pela memorização dos sons, nem pela repetição mecânica de letras e sons; a explicação se deve ao próprio significado da linguagem, na história da humanidade, pois a linguagem é um instrumento cultural, o qual

O jornal escolar como instrumento potencializador para uma alfabetização humanizadora [...] cumpre uma função social como meio de interação entre os sujeitos sociais e de estabelecimento de relações de poder entre eles, e que, por essa razão, supõe o domínio de um conteúdo que não pode ser reduzido ao conhecimento do sistema normativo de representação da língua, nem mesmo nos momentos iniciais do processo de aprendizagem da escrita, pois, com isso, elas teriam uma visão míope do modo como funciona o mundo da escrita e de quais as implicações disso para sua própria vida (Miller, 2020, p. 1).

Muitas vezes, essa dificuldade de compreensão e interpretação que os alunos exibem acontece por causa dessa visão míope que eles têm de como funciona o mundo da escrita, não compreendendo sua funcionalidade de interação entre os sujeitos, porque nos tornamos humanos por meio da educação, implementada através das condições materiais em relação à quantidade e à qualidade dos recursos e das relações humanas (Miller, 2020). Quanto à compreensão do papel da linguagem, Abreu (2019) realça a importância da linguagem para a constituição individual e coletiva do sujeito:

Compactua-se assim com o entendimento de que a linguagem seja realmente primordial para a constituição, individual e coletiva, do sujeito influenciando em seus mais diversos aspectos do desenvolvimento, especialmente no que se refere ao intelectual (Abreu, 2019, p. 30).

Assim, é preciso considerar o que é essencial para a aprendizagem da leitura e escrita, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, a fim de que as crianças possam se humanizar; nessa perspectiva, prioriza-se o enunciado:

É pelos enunciados, concretizados nos diferentes gêneros discursivos, que interagimos com outros sujeitos, trocando ideias, informações, sentimentos, percepções, enfim, estabelecendo relações vitais próprias da dinâmica das ações sociais que permeiam nossa existência. Então, saber ler e escrever os diferentes gêneros discursivos é saber dominar as formas ideias/finais (terminais) da linguagem que nos torna sujeitos capazes de ler e compreender o mundo em que vivemos e de agir dentro dele, ou seja, é nos humanizarmos (Miller, 2020, p. 3).

Esse entendimento da língua escrita, para que a criança compreenda o mundo à sua volta, não afeta somente nos primeiros anos do Ensino Fundamental, mas permeia toda a sua vida, conforme enfatiza Abreu:

[...] o processo de construção da língua escrita, a maneira com que a criança irá desenvolver a aquisição dessa forma de linguagem, bem como os relacionamentos estabelecidos com o mundo da escrita na vida infantil, muitas vezes, pode determinar as futuras relações que o indivíduo irá estabelecer cotidianamente com essa linguagem em fases posteriores. O desenvolvimento de um trabalho qualitativo com os processos de alfabetização e letramento exige, por conseguinte, um trabalho de mediação que consiga considerar os objetivos, os recursos e os sujeitos envolvidos (Abreu, 2012, p. 156 *apud* Abreu, 2019, p. 21).

RIBEIRO; SILVA

Ao se considerar a importância de como o processo de apropriação da língua escrita irá acontecer, na escola, já que este tem impacto não só no período em que a criança está na escola, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, mas também em outros períodos, como a vida adulta, é que se torna necessário que esse processo promova a atribuição de sentidos; por isso, é preciso que a necessidade e o interesse dos alunos sejam levados em conta, nos planejamentos dos professores, por meio de uma alfabetização na qual os enunciados sejam o foco do processo:

Compactua-se assim com a defesa por uma alfabetização discursiva tanto para o educando como para o educador. Alfabetização que oportuniza a ampliação da consciência do sujeito a partir da atribuição de sentido por meio do desenvolvimento da linguagem de todos os sujeitos envolvidos de forma contextualizada, dialógica e significativa, é o que está sendo denominado, nesse contexto, de alfabetização discursiva (Abreu, 2019, p. 24).

Arena faz uma explicação em torno da expressão do ato de ler, dividido em ler, compreender e interpretar, como se fosse possível dividir esse ato em três ações. Descreve que o ler seria ler o nada, somente pronunciar; o compreender, que é a segunda ação, seria, depois de pronunciar, buscar compreender nas linhas o que o autor quis dizer, enquanto a interpretação estaria relacionada à capacidade de fazer inferências no texto. Destaca que essa expressão merece alguns reparos, porque há uma contradição, tendo-se em vista que a primeira ação, que é ler o nada, seria uma ação que não tem sentido, o qual só seria obtido na compreensão e interpretação, as quais seriam as etapas subsequentes. Por isso, não é ensinando o ato de ler, nessas etapas, que a criança irá querer aprender a ler, porque é a atribuição de sentido que é o verdadeiro motivo a criar a necessidade da criança de querer aprender a ler (Arena, 2010). Com relação ao ensino do ato de ler, Arena salienta:

A importância do meio constituído pela cultura e pelas relações entre seus membros revela a necessidade de, desde o início, colocar em prática atitudes do ato de ler que indiquem para a criança a intenção clara de que ler é a ação de atribuir sentido por meio de sinais gráficos, em situações elaboradas pela cultura humana. Essas atitudes, constituintes do entorno, são vitais para a formação do leitor e são desenvolvidas nas relações com os gêneros enunciativos porque são as relações culturais que orientam os modos de ler. É importante entender que ensinar o sistema linguístico não é ensinar a ler; ensinar a ler é ensinar as próprias práticas sociais e culturais que exigem o domínio desse sistema (Arena, 2010, p. 242).

Logo, a alfabetização vai muito além de um processo no qual o aluno apenas faça o reconhecimento de letras, para nomear os elementos do mundo, visto que os atos culturais de ler e escrever devem ser apropriados, para a formação humana:

O jornal escolar como instrumento potencializador
para uma alfabetização humanizadora

A alfabetização é concebida como um processo que vai muito além do simples reconhecimento de letras que sirvam para nomear os elementos do mundo, mas sim é um processo fundamental para o desenvolvimento do aluno como instrumento para sua formação humana, em que por meio dele os sujeitos são capazes de se transformarem, inferindo em seus próprios processos de formação, por meio de sua apropriação e utilização (Abreu, 2019, p. 58).

Por isso, uma alfabetização humanizadora concebe o processo de alfabetização como um processo para o desenvolvimento da formação humana, o qual transforma o sujeito, entendendo que a linguagem escrita é um instrumento cultural complexo. E, sobre a criação de necessidade, Freinet ressalta, em sua crônica “O cavalo não está com sede, então troquem a água do tanque!”, que o problema da educação não é o conteúdo, todavia, é fazer a criança sentir sede (Freinet, 1991), fazer a criança ter interesse, vontade e necessidade de aprender.

O jornal escolar como instrumento potencializador no processo de alfabetização

Nesta seção, enfoca-se a potencialidade do jornal escolar para o processo de alfabetização. O próprio Freinet, em sua obra intitulada *Técnicas da Educação: o Jornal Escolar*, da década de 1970, escreve sobre o que estava acontecendo, na França, com resumos que não faziam parte da realidade dos franceses, com pequenas frases que não carregavam o sentido, se não para os próprios franceses, quanto mais para os africanos, de cuja realidade os textos eram mais distantes ainda, porque tratavam da realidade vivida pelo povo francês, segundo o autor afirma:

Já é grave ensinar história aos pequenos franceses por meio daqueles resumos que nós aprendemos: “Dantes o nosso país chamava-se Gália e os seus habitantes Gauleses...” Mas tudo se torna ridículo e cômico no momento em que uma pedagogia que não se distingue nem pela lógica nem pela iniciativa impõe estes mesmos resumos aos africanos (Freinet, 1974, p. 67).

Conforme enfatiza Silva, sobre a importância do interesse dos alunos, “[...] o ensino mecânico que desconsidera a criança como sujeito de suas aprendizagens aniquila qualquer interesse. Aprender exige o envolvimento daquele que aprende, existe esforço e vontade” (Silva, 2023, p.43). Por isso, é imperioso compreender a língua como uma língua viva e a sua importância, pois, quando o aluno domina as formas ideais e finais da linguagem, ele não somente consegue fazer inferências em textos longos, como vai além, porque essa compreensão da linguagem permite ao aluno ler e agir sobre o mundo à nossa volta, que, conseqüentemente, nos humaniza (Miller, 2020).

Freinet tinha como princípio o Método Natural, o qual, na aprendizagem do ato de ler e escrever, traz como consequência essa não separação entre três aspectos: o mecanismo, a compreensão e o

sentido. E, para que essa separação não aconteça, é preciso trabalhar com textos das práticas reais de vida, os quais irão envolver a escrita (Leber, 2006).

Dessa forma, de modo que a alfabetização seja um processo de atribuição de sentidos e de domínio dos aspectos formais da língua – gramaticais, sintáticos, ortográficos –, um instrumento adequado para se trabalhar com as crianças, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, é o jornal escolar, porque é um instrumento que promove textos advindos de práticas reais vividas pelas crianças.

No jornal escolar, a criança entende a função social da escrita, como meio de interação, no qual o outro irá ler o que ela está escrevendo, por isso, ela já não escreve só o que interessa a si mesma, mas o que pode interessar ao leitor que está acompanhando seus textos contidos no jornal escolar, como Freinet explica:

A partir de agora, a criança já não escreve apenas o que lhe interessa a ela, escreve aquilo que, nos seus pensamentos, nas suas observações, nos seus sentimentos e nos seus actos é susceptível de interessar os seus camaradas e de vir a interessar os seus correspondentes (Freinet, 1974, p. 21).

Por conseguinte, além de a criança ter o interesse e sentir a necessidade de escrever, há a preocupação com o domínio da língua escrita, para que o outro compreenda o que ela está expressando, por meio da escrita, e o trabalho para o domínio dos aspectos linguísticos acontece de maneira coletiva; os textos são escolhidos através de uma votação e será trabalhada a forma sintática, gramatical e ortográfica, com os alunos, respeitando-se o pensamento das crianças, mas se ofertando o auxílio necessário sobre o funcionamento da escrita para a elaboração dos textos (Freinet, 1974).

Outro ponto a ser enfatizado sobre a potencialidade do jornal escolar, no processo de alfabetização, é que este possibilita que a criança seja e se sinta protagonista e pertencente a esse processo, tomando o texto como seu. Freinet, a respeito dessa atuação da criança, no jornal escolar, ressalta:

A criança que compõe um texto sente-o nascer enquanto trabalha; dá-lhe uma nova vida, torna-o seu. Deixa de haver um intermediário no processo que vai do pensamento balbuciado e depois expresso ao jornal que será mandado pelo correio para os correspondentes. Controla todas as etapas: escrita, aperfeiçoamento colectivo, composição tipográfica, ilustração, disposição sob a prensa, tintagem, tiragem, agrupamento,agrafagem (Freinet, 1974, p. 30-31).

Freinet arrola algumas vantagens pedagógicas, em sua obra sobre o jornal escolar. A primeira delas é que a obsessão por um ensino metódico da língua poderá ser dominada, na aula, com o jornal escolar. Usando um método natural, sem redações formais, sem repisamento gramatical, poderá

atingir uma expressão correta e viva e uma ortografia natural, visto que essa é uma grande dificuldade revelada pelos professores e alunos, na etapa de alfabetização (Freinet, 1974).

Leber (2006) discute a leitura e a escrita como uma aventura, respostas de desejos e curiosidades das crianças, de sorte que trabalhar com o jornal escolar é trazer textos que refletem a realidade vivida pelas crianças, próxima a elas, os quais se apresentam possivelmente muito mais interessantes do que um texto elaborado por adultos, os quais, muitas vezes, estão distantes das crianças, porque se compreende que ler não é decodificar:

Ler deve ser mais do que traduzir códigos, e escrever deve ser mais do que organizar códigos sobre uma folha em branco. Ler e escrever devem ser aventuras que proporcionem prazer, que respondam a desejos, curiosidades, necessidades e que colaborem para o desenvolvimento do pensamento e da consciência (Leber, 2006, p. 20).

Outra vantagem do jornal escolar são as trocas interescolares, porque a troca de textos com outras escolas traz uma riqueza de conhecimentos familiares, industriais, comerciais e agrícolas para a comunidade escolar. Além disso, essa observação e experimentação, através da realidade e dos diferentes conhecimentos artísticos, científicos e literários, fazem com que os conteúdos dos jornais fiquem cada vez mais apurados (Freinet, 1974).

Além do mais, outra vantagem é que o jornal escolar é um inquérito permanente, o qual nos coloca à escuta do mundo, constituindo uma janela ampla, aberta sobre o trabalho e a vida, pois Freinet acredita que a espontaneidade é essencial e que nós, como educadores, devemos tornar o contexto vivido das crianças o mais educativo possível, não fazendo separação entre a escola e a vida (Freinet, 1974)

O jornal escolar é o arquivo vivo da aula, em que os momentos da classe são fixados de forma definitiva. Esse instrumento também traz uma vantagem de que teremos uma obra para mostrar, de modo que ninguém poderá ficar insensível perante os jornais elaborados pelas crianças; por fim, a última vantagem é que, como toda a associação de trabalhadores, a escola deve ter o seu boletim de ligação ou de ação, assim como outras organizações também possuem seu jornal, como a igreja ou uma associação (Freinet, 1974).

O jornal escolar contribui, de modo significativo, para o processo de alfabetização, porque a criança não escreve textos mecânicos, com o enfoque no som e nos aspectos gramaticais, mas ela escreve o que ela sente necessidade de exprimir, de expressar. Porém, deve-se deixar claro que o objetivo não é atender somente ao que a criança sente vontade, pois os educadores devem estar atentos

RIBEIRO; SILVA

aos interesses das crianças, orientando o seu desenvolvimento, não somente satisfazendo o que a criança sente vontade de fazer. Logo, o professor cria condições para que o ambiente seja propício para o desenvolvimento dos alunos (Buscariolo, 2015). É importante salientar que esses interesses são das crianças e não são impostos pelos adultos: “[...] aquilo que define este método é tomar como ponto de partida não os desejos, o pensamento ou a ordem dos adultos, mas o interesse, os verdadeiros interesses das crianças, tal como são expressos nos textos livres” (Freinet, 1974, p. 39).

Outra questão a ser destacada é que sempre se parte do diálogo, da expressão, de sorte que a criança conta e depois escreve o que sente necessidade de expressar, conforme realça o autor:

Nas nossas classes, a criança conta primeiro e, mais tarde, escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ele convivem ou aos seus correspondentes. Não escreve uma coisa qualquer (Freinet, 1974, p. 21).

Isso vai ao encontro do que Vygotsky discute sobre a escrita ser o desejo de expressão da criança, que vai desde o desenho da escrita no ar e se manifesta em vários momentos, como na fala, no desenho, no faz de conta, até chegar à linguagem escrita. Mello afirma que, para formar leitores e produtores de texto, o sujeito tem de ter como foco o desejo de expressão e não os sons das letras que serão grafados, fazendo com que a criança busque o sentido do texto (Mello, 2010).

Freinet faz um convite para os professores trabalharem com o jornal escolar, uma vez que, por meio da reação das crianças, os educadores verão o êxito que é adotar esse instrumento, o qual está verdadeiramente ao alcance delas (Freinet, 1974).

Ao remeter a discussão exposta à crônica de Freinet “O cavalo não está com sede: então troquem a água do tanque”, Abreu (2023) enfatiza o nosso papel como professores, alfabetizadores, de preparar cidadãos que saberão enfrentar a vida e crer, assim como Freinet: “Que possamos cada vez mais valorizar e provocar a sede pelo aprendizado nos estudantes que estão sob a nossa responsabilidade nas escolas” (Abreu, 2023, p. 56).

Considerações finais

Ao final deste artigo, foi possível concluir, em face das questões discutidas anteriormente, que o jornal escolar é um instrumento que potencializa o trabalho no processo de alfabetização, numa perspectiva humanizadora, porque, ao se trabalhar com o jornal escolar, o enfoque está no interesse, na necessidade e nos sentidos que o texto provoca, nas crianças, não reduzindo a apropriação dos atos

de ler e de escrever à relação de grafemas e fonemas, letras e som, e a leitura somente à oralização de sons isolados.

Ademais, na alfabetização humanizadora, compreende-se a linguagem escrita como um instrumento cultural, a língua como dialógica, a qual pressupõe o outro, e o jornal escolar envolve esses aspectos, porque a criança sente a necessidade de escrever aquilo que vive, que descobre, que aprende, que a coloca na relação com o outro, considerando os textos como verdadeiros enunciados plenos de sentidos.

Por todas as razões apresentadas, é preciso trabalhar com o jornal escolar, em sala de aula, pois esse instrumento é potencializador para uma alfabetização na qual as crianças querem aprender a ler e escrever, porque o processo ocorre com sua participação ativa, desde a elaboração dos textos, a escolha daqueles que irão para o jornal. através de votação, fazendo com que a criança se sinta pertencente a esse processo e promovendo o desenvolvimento da autonomia, da expressão, da participação cidadã, da formação leitora e, por assim ser, da formação humana.

Referências

- ABREU, M. M. O. **A criança e a apropriação da cultura escrita**: uma possibilidade de alfabetização discursiva. [recurso eletrônico]. 2019. 235p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Uberlândia, 2019.
- ABREU, M. M. O. O cavalo não está com sede: então troquem a água... *In*: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. (org.). **Refrações das palavras freinetianas**: crônicas para professores. São Carlos: Pedro & João, 2023. p. 47-58.
- ABREU, M. M. O.; ARENA, A. P. B. O Jornal-Mural como possibilidade de uso da língua viva. *In*: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. L. **A vida na escrita e a escrita na vida**: um encontro entre Vigotsky, Voloshínov e Freinet. São Carlos: Pedro & João, 2020. p. 137-152.
- ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. (org.). **Diálogos com a Pedagogia Freinet**: fundamentos e práticas em movimento. São Carlos: Pedro & João, 2022. 307p.
- ARENA, D. B. O ensino da ação de ler e suas contradições. **Ensino em Re-vista**, v. 17, n. 1, p. 237-247, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115190>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- BAHKTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BALDASSO, I. T.; OMETTO, C. B. C. N. Práticas de leitura e escrita na pedagogia Freinet: um diálogo com as teorias de Vigotsky e Volochinov. *In*: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. L. **A**

vida na escrita e a escrita na vida: um encontro entre Vigotsky, Voloshínov e Freinet. São Carlos: Pedro & João, 2020. p. 203-218.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Educa. **Conheça o Brasil-População: Educação.** 30 set. 2016. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

BUSCARIOLO, A. F. V. T. **O texto livre como instrumento pedagógico na alfabetização de crianças.** 2015.193 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2015.

BUSCARIOLO, A. F. V. T.; LIMA, C. V. B.; ANJOS, D. D. Pedagogia Freinet e Alfabetização: a potencialidade dos instrumentos desta pedagogia para formar crianças de professores. **Rev. Int. Form. de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 4, n. 4, p. 117-133, out. dez. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/download/124/71/392>. Acesso em: 03 abr. 2023.

ELIAS, M. D. C. Traçando as linhas de uma proposta pedagógica. *In*: ELIAS, M. D. C. **Célestin Freinet: uma pedagogia de Atividade e Cooperação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 33-44.

FREINET, C. **Técnicas da Educação:** O Jornal Escolar. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEBER, V. M. S. **Revisitando a Pedagogia Freinet:** contribuições para o processo da aprendizagem da língua materna. 2006.101 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2006.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2022.

MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. de. Vygotsky e Bakhtin/ Volochinov: dialogia e alteridade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 103-115, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/4749>. Acesso em: 06 nov. 2022.

MELLO, S. A. Ensinar e aprender a linguagem escrita na perspectiva histórico-cultural. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 20, p. 329-343, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4000981>. Acesso em: 12 set. 2023.

MENEZES, N. F. R.; QUILLICI NETO, A. Contribuições de Celestin Freinet para a educação: técnicas emancipadoras para a leitura e a escrita. *In*: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. L. **A vida na escrita e a escrita na vida:** um encontro entre Vigotsky, Voloshínov e Freinet. São Carlos: Pedro & João, 2020. p.70-83.

MILLER, S. Alfabetização humanizadora, vez e voz às crianças. **Núcleo de Alfabetização Humanizadora**. Boletim n. 1, nov./dez. 2020. Disponível em: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-01-novembro-dezembro-de-2020/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

RESENDE, V. A. D. L. A escola moderna de Freinet. In: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. L. **A vida na escrita e a escrita na vida**: um encontro entre Vigotsky, Voloshínov e Freinet. São Carlos: Pedro & João, 2020. p.13-.30.

RICHARDSON, R. J. Métodos quantitativos e qualitativos. In: RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999. p. 70-89.

SILVA, F. D. A. As técnicas freinetianas, a livre expressão e as possibilidades de trabalho com a escrita. In: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. (org.). **Diálogos com a Pedagogia Freinet**: fundamentos e práticas em movimento. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 31-54.

SILVA, G. F. Fazer a criança sentir sede. In: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. (org.). **Refrações das palavras freinetianas**: crônicas para professores. São Carlos: Pedro & João, 2023. p. 39-46.

SOARES, R. P.; RESENDE, V. A. D. L. A pedagogia de Célestin Freinet na memória dos professores educação infantil do município de Uberlândia. In: ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. D. L. **A vida na escrita e a escrita na vida**: um encontro entre Vigotsky, Voloshínov e Freinet. São Carlos: Pedro & João, 2020. p. 99-114.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 22/06/2024
Aprovado em: 03/03/2025